

IMPORTÂNCIA DA PSICANÁLISE DURANTE A PANDEMIA DE COVID-19

AZEVEDO, Luiza Moura de Souza¹

CERQUEIRA, Yvone Matos²

RESUMO

O presente estudo teve o objetivo de pesquisar sobre a importância do tratamento de psicanálise durante a pandemia de COVID-19. Tratou-se de uma revisão bibliográfica, que buscou artigos em português, inglês e espanhol em sites acadêmicos como Google Scholars, Scielo. Pelo objeto mesmo da pesquisa, a busca foi limitada aos anos de 2019 a 2021. Foram também utilizados livros como referencial teórico. O estudo buscou apresentar o aspecto catastrófico da pandemia, e em seguida, a relevância da psicanálise neste contexto. Elencou análises de artigos recentes sobre a prática da psicanálise na pandemia. Analisou aspectos sobre o atendimento remoto de psicanálise. Concluiu-se que as incertezas que passaram a povoar os corações e mentes a partir de então, são apenas pequenos indícios das mudanças psíquicas tornadas necessárias para fazer frente a uma realidade que ninguém viveu sem surpresa e abatimento. A psicanálise nos leva a pensar e falar o que às vezes parece indizível, e que no falar pode haver uma maneira de tornar aquilo suportável.

PALAVRAS-CHAVE: Psicanálise, pandemia, COVID-19

ABSTRACT

The present study aimed to research the importance of psychoanalytic treatment during the COVID-19 pandemic. It was a bibliographic review, which searched for articles in Portuguese, English and Spanish on academic websites such as Google Scholars, Scielo. For the purpose of the research, the search was limited to the years 2019 to 2021. Books were also used as a theoretical reference. The study sought to present the catastrophic aspect of the pandemic, and then the relevance of psychoanalysis in this context. He listed analyzes of recent articles on the practice of psychoanalysis in the pandemic. Analyzed aspects of psychoanalysis

¹Psicanalista formada pelo Curso de Formação Em Psicanálise Clínica pela Sociedade de Estudos Psicanalíticos e Hipnose Aplicada (SEPHIA).

²Professora do Curso de Formação Em Psicanálise Clínica pela Sociedade de Estudos Psicanalíticos e Hipnose Aplicada (SEPHIA). Psicanalista e Mestre em Agronomia.

remote care. He concluded and the uncertainties that came to populate hearts and minds from then on are just small indications of the psychic changes made necessary to face a reality that no one lived without surprise and despondency. Psychoanalysis thinks and speaks what sometimes seems unspeakable, and that in speaking there may be a way to make it bearable.

KEYWORDS: Psychoanalysis, pandemic, COVID-19

INTRODUÇÃO

Emergência, urgência, catástrofe, desastre, tragédia, calamidade, exceção (estado de), número de mortes, trauma, morte. Desde o advento crítico do coronavírus estes significantes pululam nas redes sociais, jornais, rádio e televisão. Cada um deles aponta, inequivocamente, para um pedido de resposta rápida, um tempo que não pode ser perdido.

Nesta mesma velocidade, surgem pedidos (e ofertas) de atenção psicológica oriundos das incertezas tanto daqueles que estão em casa, em quarentena, quanto dos que arriscam sua vida na manutenção dos serviços, quer estes sejam essenciais ou não. Além disso, procede-se a contabilização das perdas presentes e futuras, pois, de algum modo, todos perdemos o mundo como ele era antes, mesmo que ninguém ao nosso redor esteja doente ou morto por COVID-19. Soma-se ainda o paradigma que se instalou a nível mundial – o home office – fazendo com que psis, que antes eram reticentes a esta possibilidade de atendimento, passassem a revisar este conceito.

Em março de 2020, com a maioria dos estados brasileiros tendo recomendado o isolamento social, fomos tomados por perplexidade, medo, sensações difusas de estranheza e a percepção repentina de que a vida anterior tinha evaporado. Na comunidade psicanalítica, tanto no contexto brasileiro quanto no contexto internacional, foi observado um movimento imediato, sentido por muitos como violento, de mudança do contexto tradicional, com sua característica presencial, para o atendimento remoto. Analistas que nunca tinham se prestado a atender por intermédio da tela de um computador, tablet ou smartphone - ou mesmo aqueles que utilizavam esse meio em situações pontuais de sua clínica - se viram diante de um redemoinho que os puxou para um mundo desconhecido. O extremo cansaço relatado por muitos de profissionais depois de uma jornada de

trabalho na nova configuração e as incertezas que passaram a povoar os corações e mentes a partir de então, são apenas pequenos indícios das mudanças psíquicas tornadas necessárias para fazer frente a uma realidade que ninguém viveu sem surpresa e abatimento.

Neste contexto único para as gerações vivas hoje, o presente estudo teve o objetivo de pesquisar sobre a importância do tratamento de psicanálise durante a pandemia de COVID-19.

REVISÃO DE LITERATURA

1. A pandemia como evento traumático

Para uma maior compreensão sobre os desafios do trabalho psicanalítico submetido a uma descontinuidade radical, depois de março de 2020 no Brasil, é necessário dizer para qual tipo de descontinuidade estamos apontando: a catástrofe. A palavra *catástrofe* remete a Sándor Ferenczi, o primeiro psicanalista a fazer ressoar de modo original esse vocábulo. Seu conceito de catástrofe é um dos centros de gravidade da parte filogenética de Thalassa: ensaio sobre a teoria da genitalidade (Ferenczi, 1924/1990b), texto seminal que encantou a Freud. A noção de catástrofe foi tão importante para Ferenczi em Thalassa, que, segundo Maria Torok (2001), esse foi o título que o autor escolheu para a sua tradução húngara (*Katasztrófak*).

Para Ferenczi, catástrofe, vida e evolução são termos extremamente solidários. A vida se desenrola, por uma sucessão de catástrofes. Há um famoso esquema no ensaio citado (Ferenczi, 1924/1990b) que dá uma noção geral sobre tal sucessão. O surgimento da vida orgânica, por exemplo, caracteriza a primeira catástrofe filogenética, o que ontologicamente corresponde à maturação das células sexuais. Freud e Ferenczi estavam encantados pela versão da evolução desenvolvida por Lamarck, com seu nítido aspecto teleológico, mas o recurso a essa referência não se faz para apontar o quanto ela é datada. O aspecto catastrófico da vida e de seu desenrolar deve servir de inspiração quando existe a experiência de grandes ameaças, capazes de romper com todas as barreiras de proteção habituais. Berlinck (1999), comentando o famoso texto postumamente publicado de Freud, “Neurose de transferência: uma síntese”, sugere:

O fator responsável pela humanidade do ser humano, nessa teoria

psicopatológica da humanidade, seria a catástrofe, ou seja, a violência que ameaça a espécie vinda do exterior. É essa violência que permite a modificação de posição corporal e provoca a saída do estado edênico para o estado humano. (p. 15)

A vida como catástrofe é uma figuração da segunda tópica freudiana - dentre outras inúmeras versões possíveis desta - acoplada à sua nova teoria pulsional. A vida traz em seu bojo, desde seu surgimento, uma instabilidade na relação com o ambiente que sempre repetirá o movimento vital de rompimento com a ordem estável do inanimado. A catástrofe é apenas o elemento mais sensível e condensado das peripécias a que estamos submetidos por viver num ambiente que, como sugere Canguilhem (1966/1982), não costuma ser fiel nem para com o indivíduo nem para com a espécie.

Uma questão fundamental que Holgado e Pipkin (2005) trazem diz respeito à conceituação dos vocábulos urgência e emergência, especialmente, em relação ao sujeito da psicanálise. Segundo as autoras, aquele que busca o serviço acometido em sua catástrofe quer seja pessoal, quer seja coletiva, busca o atendimento em urgência subjetiva. Condição que qualificam como a queda do sujeito. Assim, em linhas gerais, a proposta das autoras é de que nestes atendimentos o sujeito emerja e, com isto, algo da dimensão desejante possa ser reinstalado. Esta seria, portanto, a emergência de um sujeito.

2. A prática da psicanálise durante a pandemia

A psicanálise ampliada interage com o modelo de atenção psicossocial baseado no conceito de saúde integral, que se preocupa com a promoção e a prevenção em saúde mental e pública, em associação com políticas de saúde em geral. É uma ferramenta teórica e prática diante do sofrimento e do adoecimento humano, com um olhar ampliado para a singularidade do sujeito e a complexidade de seu contexto.

A clínica ampliada articula as condições biopsicossociais com a qualidade de vida, propõe o diálogo entre os profissionais e o paciente para desenvolver a proposta terapêutica e estabelece a escuta do sujeito psíquico em prol da saúde mental e da contínua formação profissional.

A psicanálise ampliada é uma práxis político-social. Está imbuída da consciência da sociedade e do espírito de reforma sanitária, que compreende uma

nova concepção de saúde desde as Clínicas públicas de Freud. A psicanálise se recria na crise social.

Fernandes (2019, p. 390) declara:

[...] as clínicas públicas de Freud são a prova de que a história da psicanálise não é uma competição estática na qual 'vence quem fala mais alto' (ou mais moderadamente). Justamente por ser móvel que ela se constrói e se reconstrói a cada urgência do contemporâneo, que lhe exige explicações por meio do resgate de vozes ditas vencidas. Que se suspendam as críticas arditas que dizem que olhar para trás quando a barbárie se apresenta ao lado seria uma forma de negar o que vem pela frente. Dos discursos dos vencedores, estamos fartos: movemo-nos.

O que se conhece como saúde mental é uma área muito extensa e complexa do conhecimento que abrange a transversalidade de saberes, os quais ampliam "[...] conhecimentos, de forma tão rica e polissêmica que encontramos dificuldades de delimitar suas fronteiras, de saber onde começam ou terminam os limites" (AMARANTE, 2013, p. 16).

Há perspectivas e cenários na contemporaneidade que demandam a psicanálise ampliada tanto para contribuir no "processo civilizatório" quanto para fazer o acolhimento e pensar o homem e a sociedade em sua totalidade.

Freud afirma que o primeiro requisito da civilização é o da justiça – isto é, a garantia de que uma lei não será violada em favor de um indivíduo (DANTO, 2019, p. 387).

Assim:

[...] há tempos imemoriais ocorre na humanidade o processo de evolução da cultura. [...] A ele devemos o melhor daquilo que nos tornamos e uma boa parte daquilo de que sofremos. Suas causas e seus começos são obscuros, seu desfecho é incerto, mas algumas de suas características são claras (FREUD, [1932] 2016, p. 433).

A psicanálise e a saúde coletiva surgem como uma clínica que se amplia e amplia a capacidade de prestar atenção aos sujeitos. A clínica do sujeito é do saber. Além de disposição, formação, análise e supervisão, o psicanalista precisa cultivar disciplina intelectual em uma concepção de teoria crítica. Dessa forma, é capaz de fazer uma escuta com aceitação do outro e de seus saberes.

As exigências do trabalho clínico nesse contexto de catástrofe nos remetem de volta a Ferenczi e a seu clássico ensaio "A elasticidade da técnica psicanalítica" (Ferenczi, 1928). Nesse texto, o analista húngaro dedica aproximadamente uma

página para tratar da metapsicologia do analista no momento de seu atendimento. Ferenczi afirma que, durante uma análise, o investimento do analista oscila entre o amor objetal analítico, o autocontrole, a atividade intelectual e a observação de suas tendências narcísicas. Esse gasto energético faz com que o analista sinta uma sobrecarga. Essa sobrecarga, ele continua, “exigirá cedo ou tarde a elaboração de uma higiene particular do analista” (p. 40). Podemos refletir que, para além dos elementos destacados por Ferenczi, hoje estamos sobrecarregados por nossos lutos e por nossa hiper-realidade. Mais do que nunca precisamos cuidar da nossa higiene particular, atendendo à segunda regra fundamental defendida com afinco por Ferenczi, isto é, a da análise pessoal do profissional de psicanálise. Inspirados por ele, duas ações se impõem nesse momento de luto e de incerteza.

A primeira é justamente o investimento, por parte dos analistas, em suas próprias análises. As análises dos analistas são heterogêneas e determinadas pelo percurso particular de cada um, mas o imperativo de elaborar um novo tipo de dor implica um grande esforço nesta direção.

A segunda é a construção de novas redes ou a consolidação das redes já existentes a fim de trocarmos experiências, plasmadas especialmente no novo ambiente virtual em que a nossa prática clínica se desdobra. É fundamental a construção de uma nova sensibilidade a fim de fazer frente à nova realidade e isto se constrói a partir de um esforço coletivo dos analistas. Dessa forma, é possível encontrar meios para transformar a dor em sofrimento, realizando o trabalho elaborativo do luto.

Leuzinger-Bohleber e Montigny(2021), em seu artigo *Pandemy as a developmental risk* asseveram que:

“A ameaça completamente inesperada, evasiva e incontrolável às nossas vidas nos confronta com a ansiedade da morte, impotência e desamparo. Tivemos que aceitar essa situação em muitos aspectos, já que ela já dura há mais de um ano. Talvez quase não percebamos mais a enorme tensão psicológica que a crise Corona, de uma forma muito básica, significa para nós: a pandemia absorve - consciente e inconscientemente - uma grande parte de nossas energias psíquicas. Isso pode ter um grande impacto no diálogo empático entre as gerações. Empatia é uma habilidade mental exigente que é adquirida tarde no desenvolvimento. É muito suscetível a distúrbios. Cada um de nós conhece o fenômeno de que a empatia com os outros é a primeira coisa a se perder em tempos de estresse ”

Uma linha de raciocínio muito semelhante foi seguida por Gullestad(2021). Como Leuzinger-Bohleber e Montigny, ela presume que as fotos das pessoas intubadas e completamente indefesas nas unidades de terapia intensiva em Bérgamo deram a volta ao mundo e ativaram memórias inconscientes de experiências de dependência total em todos nós. Ela descreve com a ajuda de exemplos clínicos, bem como reações públicas à pandemia na Noruega, o quanto são desprezados os sentimentos de dependência existencial devido à vulnerabilidade vitalícia como seres presos ao corpo; e os combatemos em nós mesmos e nos outros. Particularmente comovente é o breve relato pessoal de um processamento de um acidente traumático, no qual o autor recentemente vivenciou de forma completamente inesperada uma situação de total dependência de um outro ajudante. Siri Gullestad usa essa experiência pessoal para ilustrar o conhecimento psicanalítico das reações após o trauma: apenas em um relacionamento empático (ou uma experiência terapêutica segura e confiante) as pessoas traumatizadas podem recuperar o acesso aos seus afetos, chorar e lamentar a perda de seu estado pré-traumático de mente e corpo. Se essa possibilidade estiver faltando, existe o perigo de encapsulamento das experiências traumáticas.

Aspectos culturais e clínicos são apresentados por Heribert Blass (2021). O autor concentra-se tanto nas cargas sobre os indivíduos quanto nos efeitos sobre a sociedade. Ele vê um amplo espectro de reações possíveis à ameaça viral: do medo real ao pânico ou à negação do perigo iminente. Ele cita três aspectos: (a) a realidade da morte e um medo correspondente da morte reapareceram em larga escala. (b) A confiança básica na inofensividade da outra pessoa foi abalada. O vírus destruiu a garantia de que o outro não carrega uma arma mortal; os contatos humanos estão contaminados por um sentimento latente de paranóia. (c) A pandemia aguça a ambivalência e as contradições entre solidariedade e hostilidade na sociedade. Neste contexto, o autor explora a questão de até que ponto é possível falar de uma nova “Civilização e seus descontentamentos” nas condições da pandemia. Citando a descrição de Freud dos conflitos entre a busca pela felicidade, a necessidade de segurança e tendências hostis à cultura (Freud, 1930), o autor vê um antagonismo correspondente nas condições da pandemia. Esta tese é ilustrada por três exemplos clínicos. O primeiro exemplo se refere à ansiedade, depressão e necessidade de segurança. O segundo exemplo se refere

a tendências hostis contra regulamentações sociais e conexões com o grupo de "pensadores laterais". O terceiro exemplo vem de uma análise infantil e ilustra algumas consequências psíquicas da análise remota no bloqueio. Por fim, o autor vê a tarefa da psicanálise em nomear explicitamente o conflito inconsciente entre a busca do prazer ou a busca pela segurança, a fim de contribuir para o enfrentamento da agressão e do medo da morte decorrentes em tempos de pandemia.

METODOLOGIA

O presente estudo teve o objetivo de pesquisar sobre a importância do tratamento de psicanálise durante a pandemia de COVID-19. Foram pesquisados sete artigos em português, inglês e espanhol, em sites de publicações acadêmicas como Google Scholars e Scielo, publicados durante o terceiro ano da declaração do estado de pandemia(2021), e como apoio teórico, foram citados três livros.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A pandemia de COVID-19 mudou a vida humana durante o anos de 2020 dramaticamente e de uma forma totalmente inesperada. Há meses, todos foram confrontados com uma ameaça mortal indescritível. Em alguns países, o vírus se espalhou de uma forma alarmante, chegando a mais de 400.000 pessoas infectadas todos os dias. Em países como os Estados Unidos, que mais mortes sofreram até o final de 2021, graças às vacinações, que passaram a progredir bem, cresce a falsa sensação de segurança de que se pode voltar a uma vida pré-pandêmica, criando novos riscos. Por exemplo, os virologistas alertam veementemente sobre novas mutações emergentes em populações que ainda não foram vacinadas, por exemplo, no Brasil e outros países do mundo em desenvolvimento, que podem então se espalhar globalmente novamente e também reinfectar aqueles que já foram vacinados. A difícil verdade é que cada pessoa em todo o mundo só está salva na medida em que todas as pessoas no globo estão seguras. Ou, como dizem os profissionais de saúde pública, "até que todos nós estejamos seguros, nenhum de nós está".

As consequências sociais são enormes e visíveis apenas como picos de iceberg: a capacidade dos leitos de terapia intensiva e unidades médicas determina as medidas de bloqueio, os virologistas se tornaram os especialistas mais poderosos na mídia e na política, empregos estão ameaçados, colapso das cadeias de abastecimento internacionais, o social e consequências econômicas dificilmente avaliáveis. Além disso, à medida que os trolls de fronteira estão sendo reintroduzidos e a ideia europeia parece ser rapidamente varrida, o capitalismo predatório nos Estados Unidos e os sistemas totalistas na China e na Rússia estão se revelando claramente superiores às democracias mais lentas e deliberadas da UE. pelo menos em termos de aquisição de doses de vacinas para suas próprias populações. E sim - as tensões nas sociedades, a divisão e fragmentação e suscetibilidades a seduções populistas e nacionalistas em todo o mundo são inconfundíveis.

A experiência clínica mostra que é bastante comum que a queda do sujeito promovida pela situação de urgência resulte em uma objetificação, cuja marca seria o decaimento da função significativa, com a correspondente identificação ao objeto. Aqui se faz necessária uma ressalva. O sujeito caído das urgências bem poderia ser comparado ao consultante das entrevistas preliminares. E, de fato, por vezes, ocorre uma sobreposição destas duas condições. Na busca rápida por atenção psicológica, devido ao anseio de uma resposta urgente a seu padecimento, o consulente na situação de urgência ou catástrofe pode encontrar um psicanalista.

Gullestadt(2021) traça paralelos entre essas experiências traumáticas e a atual pandemia.

“O paciente intubado lutando para respirar, lutando pela vida; a vala comum anônima; a morte no Face-Time - imagens de partir o coração, agora se tornando mensagens icônicas sobre como a Covid-19 nos atingiu. A pandemia nos ensinou como somos dependentes uns dos outros. Deve inspirar-nos a uma maior tolerância à vulnerabilidade - e menos desprezo pela fraqueza”.

Leuzinger-Bohleber e Montigny(2021), em seu artigo supracitado, apontam para os perigos envolvidos, uma vez que mecanismos primitivos de defesa e enfrentamento, bem como poderosas fantasias inconscientes, muitas vezes não reconhecidas, determinam o funcionamento mental de todos nós em tais tempos de crise existencial.

Existem, ainda, as implicações sociais. A ansiedade e o sofrimento em massa que ocorreram na pandemia abriram e expuseram as falhas de nossa sociedade, mas não é algo que a psicanálise possa curar ou mesmo imaginar consertar. Se for esclarecedor para este momento, pode ser mais como um ethos: a psicanálise nos pede para pensar sobre como vivemos com nossos conflitos, como chegamos a um acordo com as falhas em nós mesmos e, esperançosamente, ao fazê-lo, nos tornamos uma pessoa que pode realmente estar com outras pessoas e agir se alguém decidir fazê-lo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pandemia de COVID-19 é o grande trauma coletivo da presente geração, comparável em sua trágica magnitude às duas Guerras Mundias, à Gripe Espanhola e à Peste Negra. À sua complexidade psicológica particular se somam a globalização, a Internet, as redes sociais – os elementos da Era da Informação.

A prática psicanalítica também é afetada pela pandemia: se até agora para muitos dos pacientes a breve troca corporal, por exemplo, na saudação de boas-vindas ou na despedida, e o ambiente psicanalítico seguro foi absolutamente crucial, são precisamente estas corporificadas interações de garantia de si mesmo vis-à-vis o outro que se tornou um perigo novo e intangível. As controvérsias sobre a análise remota, que já se arrasta há anos e podem ser caracterizadas por altas ambivalências e argumentos, tiveram que ser abruptamente eliminadas: o tratamento por vídeo ou telefone é muitas vezes o único meio responsável por muitos dos analistas mais velhos, que pertencem a um dos grupos de risco de pandemia, para continuar o tratamento especialmente com seus pacientes particularmente vulneráveis. Como nas emergências individuais e sociais, a ação vem primeiro - a reflexão vem depois.

A psicanálise nos pede que pensemos e falemos o que às vezes parece indizível, mas ao falar descobrimos uma maneira de torná-lo suportável. Na maior parte do tempo, vivemos dissociados de como a vida é precária. A pandemia obriga-nos a ver vulnerabilidade, mesmo que sejamos menos vulneráveis do que outros: idosos, pessoas em risco devido à pobreza e às condições sociais e pessoas de cor cujo sofrimento social os coloca em maior risco. A psicanálise trafica ficções, as ficções que contamos sobre nós mesmos e o mundo que nos

rodeia, a saber, o que não suportamos saber. A pandemia inaugurou estas ficções: que temos o estado da arte (de modo global) em tratamentos médicos, que um vírus ataca a todos igualmente, que os Centros de Controle e Prevenção de Doenças nos salvariam e que todos têm a chance de aumentar seu lugar na sociedade através de muito trabalho. A psicanálise nos pede que saibamos que usamos essas ficções para sobreviver, mas elas nos obrigam a aprender com o presente, com o mundo real.

REFERÊNCIAS

BLASS, H. (2021). **A new Civilization and Its Discontents in times of COVID-19?**. International Journal of Applied Psychoanalytic Studies. 18. 10.1002/aps.1698.

DANTO, E. A. **As clínicas públicas de Freud: psicanálise e justiça social**. São Paulo: Perspectiva, 2019.

FERENCZI, S. **A elasticidade da técnica psicanalítica**. In Obras Completas: Psicanálise IV São Paulo, SP: Martins Fontes. (Trabalho original publicado em 1928).

FERNANDES, M. Posfácio. Psicanálise para quem? In: DANTO, E. A. As clínicas públicas de Freud: psicanálise e justiça social. São Paulo: Perspectiva, 2019.

FREUD, S. (1930). **O mal-estar na civilização**. Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, vol. 21. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

GULLESTAD, S. E.. **Our Contempt for Weakness**. International Journal of Applied Psychoanalytic Studies 18, no. 2 (2021): 133-138.

HOLGADO, Mirta e PIPKIN, Mirta. **Intervenir en la emergencia: La clínica psicoanalítica en los límites**. Buenos Aires, Letra Viva, 2005.

LACAN, J. **El Seminario de Jacques Lacan: libro 10: la angustia (1962-1963)**. Buenos Aires, Paidós, 2006.

LEUZINGER-BOHLEBER, M. & MONTINGY, N. (2021). The pandemic as a developmental risk. International Journal of Applied Psychoanalytic Studies. 18. 10.1002/aps.1706.